

A propósito do hidrónimo LETHES

Jorge de Alarcão*

O texto de Artemidoro conservado no papiro de Antaiúpolis (Egipto) (GALLAZZI, KRÄMER e SETTIS, 2008) contém uma descrição do litoral peninsular com particular interesse para a costa portuguesa, desde a foz do Guadiana à do rio Minho. Adiado uma análise global do texto (que pensamos vir a publicar mais tarde e noutro lugar), ocupar-nos-emos agora apenas das seguintes linhas:

"A seguir a este [o rio Douro], a 180 estádios desemboca o *Oblevion*, que também se chama *Lethes* e *Limaia*s. A seguir a este, e até ao *Bainis*, 120 estádios".

O rio *Lethes* tem sido, desde há muito tempo e pela maioria dos autores, identificado com o Lima (VASCONCELOS, 1905: 225-233). Discordou disso Amílcar Guerra, que propôs a identificação com o rio Leça (GUERRA, 1996: 154-156).

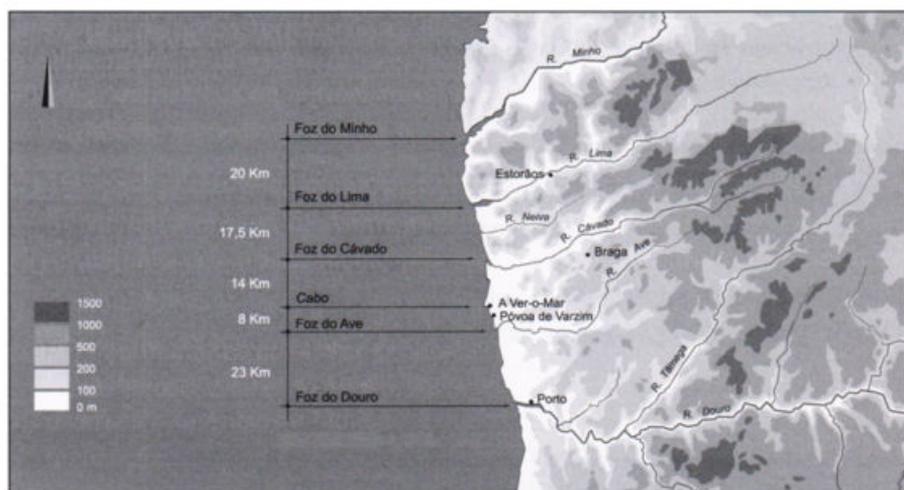
Assumindo a correspondência do estádio a 185 m, teríamos o *Lethes* a 33, 300 km do Douro; e o rio *Bainis*, a 22, 200 km do *Lethes*.

* Professor Catedrático Aposentado da Faculdade de Letras de Coimbra; Membro do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e do Porto.

Se observarmos a carta que acompanha este artigo, verificaremos que não há rio (ou, pelo menos, rio digno de menção) a cerca de 33 km do Douro, mas que a distância do Lima ao Minho, medida entre paralelos, é de cerca de 20 km, sensivelmente idêntica à que Artemidoro declara entre *Lethes* e *Bainis*.

Na mesma carta marcámos a provável posição da “ponta” que Ptolemeu II, 6, 1 menciona entre a foz do rio *Avus* e a do *Nebis* – rios que correspondem, pelos seus nomes, aos actuais Ave e Neiva. A essa “ponta” chama Ptolemeu *Auaron ákron*. Não parece correcto traduzir *ákron* por “promontório”. Na realidade, não há, entre o Ave e o Neiva (ou, mais correctamente, entre o Ave e o Cávado), nenhum cabo, mas apenas uma proeminência ou bojo da costa – proeminência que é acompanhada por uma linha de recifes, os quais, pelo perigo que sempre terão representado para a navegação, podem ter justificado a referência do geógrafo. Não obstante, a verdade é que localmente se dá o nome de Cabo ao ponto de maior saliência da costa, a norte de A Ver-o-Mar. Por outro lado, o topónimo A Ver-o-Mar não tem tão fácil explicação quanto aparenta. *Auaron* pode ter dado *Avaro ou *Avero. Perdida a noção da origem do nome, pode ter-se entendido A Ver-o e acrescentado -Mar, porque dali se via o mar.

Sendo sempre discutível exercício a correcção de um texto antigo, mesmo quando ele parece deturpado, não deixaremos de sugerir que o copista de



Artemidoro pode ter omitido o *Auaron ákron* e que, no texto original, da mão do próprio geógrafo, poderiam estar citados os seguintes pontos da costa:

Foz do Douro	
<i>Auaron ákron</i>	180 estádios
Foz do Lima (<i>Oblevion, Lethes ou Limaiais</i>)	180
Foz do Minho (<i>Bainis</i>)	120

A distância real que medimos entre a foz do Douro e o suposto *Auaron ákron* é de 31 km (entre meridianos); e a do *Auaron* à foz do Lima é de 31,5 km. As distâncias correspondem a 167 e 170 estádios, respectivamente; mas não custa admitir que, na medida de Artemidoro, as duas distâncias fossem idênticas: 180 estádios. O copista, iludido por esta identidade, teria omitido o *Auaron* e atribuído 180 estádios ao percurso, por mar, da foz do Douro à foz do rio *Oblevion, Lethes* ou *Limaiais*.

O *Bainis* de Artemidoro será o rio Minho. Estrabão III, 3, 4 diz que se chamava *Bainis* ou *Minion*. Plínio 4, 112 e 115, Mela III, 1, 10 e Ptolemeu II, 6, 1 chamam-lhe *Minius*. Se este é o nome pelo qual o rio Minho seria mais conhecido, podemos admitir que alguns também lhe chamavam *Bainis*. Eventualmente, este segundo nome poderia corresponder apenas a um troço particular do rio.

O *Oblevion, Lethes* ou *Limaiais* de Artemidoro é o rio Lima. Estrabão III, 3, 4, Plínio 4, 112 e 115, Mela III, 1, 10 e Ptolemeu II, 6, 1 chamam-lhe *Limia*. Tem sido consensual, como dissemos, considerar que ao rio Lima se deu o nome de *Lethes* que, em grego, faz dele o “rio do Esquecimento” – nome que os Romanos terão traduzido por *Oblivio*, exactamente com o mesmo sentido. Tendo Artemidoro escrito por volta de 100 a. C., devemos considerar que nesta data (isto é, pouco depois da campanha de Décimo Júnio Bruto) o rio já era chamado *Lethes*.

Estrabão III, 3, 4 diz que certos autores chamavam *Limaiais* ao *Lethes*, e outros ainda, *Beliona*. E em III, 3, 5, depois de aludir ao cabo *Nérion*, que marcava, segundo ele, o extremo noroeste da Hispânia, e em cuja vizinhança viviam os *Celtici*, recorda a imigração destes. *Celtici* e *Turduli* teriam participado numa expedição militar dirigida contra esta região. Depois de terem transposto o curso

do Lima, e porque também tinham perdido o chefe, teriam ficado na região, pela qual se teriam dispersado. O rio deveria a tal facto o nome de *Lethes*.

Por outro lado, em Tito Lívio *Per.* 55, lê-se que, tendo os soldados de Décimo Júnio Bruto recusado atravessar o rio do Olvido, o cônsul arrebatou a bandeira ao porta-estandarte e ele mesmo atravessou o rio, persuadindo os soldados a seguirem-no. Estas explicações para o nome *Lethes* dado ao rio Lima são, provavelmente, fabulosas. Plínio 4, 115, aliás, referindo-se ao *Limaea*, acrescenta: *Oblivionis antiquus dictus multumque fabulosus*, "pelos Antigos chamado do Esquecimento e a que andam associadas muitas lendas".

Donde terá vindo, porém, o nome de *Lethes*?

Amílcar Guerra (1996: 155-156) chamou justamente a atenção para a possível relação do nome *Lethes* com o do *castellum Letiobris*. Este último é conhecido através de uma inscrição funerária encontrada em Braga (TRANOY e LE ROUX, 1989-1990: 194), que reza assim:

*Albura Caturonis f(ilia) c(astello) Letiobri ann(or)um LXX. H(ic) s(ita) e(st).
S(it) t(ibi) t(erra) I(evis)*

A indicação do *castellum* sem menção da *civitas* em que administrativamente se integraria poderá tomar-se (mas sem muita segurança) como indicativa de que *Letiobris* ficava no território da *civitas* de *Bracara Augusta*.

Talvez *Letiobris* provenha de um nome *Letio*, *Letium* ou *Letis* que seria, na fala pré-romana, o do rio Lima (ou o de um troço dele). Os Romanos terão convertido tal nome em *Lethes*, tal como converteram um provável etnónimo *Elanae*, *Aeleni* ou *Eleni* em *Helleni* (TRANOY, 1981: 68; ALARCÃO, 2002-2003) – dando origem a essa outra fabulosa história de que os Gregos se fixaram no Noroeste peninsular (ESTRABÃO, III, 4, 3 e PLÍNIO, 4, 112). Depois, e porque *Lethes*, em grego, era o rio dos Infernos, cujas águas faziam esquecer o passado, o rio Lima tornou-se o "rio do Olvido".

Talvez os soldados do cônsul Décimo Júnio Bruto, se acaso puseram resistência à travessia do Lima, o não tenham feito com receio de se esquecerem dos seus e da sua pátria, mas por fadiga da longa campanha que, de *Olisipo*,

os havia levado tão além do Douro; ou por acharem que era perigoso ir mais longe, deixando para trás povos vencidos em batalhas mas não na guerra e que, sublevando-se, podiam cortar-lhes a retirada. A revolta das populações precariamente submetidas está, aliás, atestada por Apiano, *lb.* 73.

Diz o autor, na imediata sequência do relato das campanhas de Décimo Júnio Bruto, que a "cidade" de *Talabriga* se tinha rendido e revoltado muitas vezes. Atacando-a de novo, o cônsul exigiu aos talabriguenses que entregassem os soldados romanos desertores e os prisioneiros e, além disso, reféns. Ordenou-lhes que abandonassem a povoação, com mulheres e filhos. Fez-lhes um discurso ameaçador, mas acabou por permitir-lhes que regressassem à povoação, tendo-lhes apenas tomado os cavalos e o cereal, bem como os dinheiros e bens públicos.

Permanece incerta a localização desta *Talabriga*. Não é seguro que corresponda ao *oppidum* do mesmo nome mencionado em Plínio 4, 113 e no *Itinerário de Antonino* (na estrada de *Olisipo* a *Bracara Augusta*). A *Talabriga* de Apiano poderia ficar em (ou nas imediações de) Estorãos (Ponte de Lima), onde se recolheu uma inscrição votiva ao *Genius Tiauranceaicus* posta por *Camala, Arqui f(ilia), Talabrigensis* (ENCARNAÇÃO, 1975: 192-195).

Se esta era a localização da *Talabriga* de Apiano, o episódio documentaria exactamente o que dissemos: o domínio da região entre Douro e Lima era tão precário que o exército romano poderia ser surpreendido por um ataque pela retaguarda; assim se justificaria o receio das tropas de passarem para além do Lima.

Se a resistência dos soldados de Décimo Júnio Bruto à passagem do rio se pode ter justificado por fadiga ou prudência, a lenda de que tal resistência foi determinada pelo medo de se esquecerem dos seus e da sua terra pode ter surgido muito depois, ajudada pela transformação do nome original *Letio*, *Letium* ou *Letis* em *Lethes*.

Curiosamente, o *Parochiale Suevum* dos finais do séc. VI menciona uma "paróquia" da sé de Braga chamada *Cetanio*, *Letanio*, *Letanie* ou *Letunio*, que nos parece ter ficado situada junto do rio Lima, a sul (DAVID, 1947: 32; FERNANDES,

1997: 58; ALARCÃO, 2001: 53-54). P. David optou pela forma *Cetanio* e A. A. Fernandes corrigiu por *Setunio*; mas não será mais correcta, afinal, a forma *Letanie* ou *Letanio*, que recordaria ainda o antigo nome pré-romano?

Por fim, e a propósito do *Auaron ákron* de Ptolemeu – que poderia estar referido no original de Artemidoro e ter sido omitido pelo copista – recordaremos que na Gália havia um rio *Auario* e a cidade de *Auaricum* (que corresponde à actual Bourges). De *Auarum* poderia ter derivado o nome de *Auaricini* para os habitantes da área ou de algum *castellum* das vizinhanças. Por seu turno, de *Auaricini*, pela queda da vogal inicial (como em *Avicella*>Vizela ou em *Obelliola*>Bilhó), poderia ter derivado o topónimo *Verazini* (PMH, DC 281, de 1033) >*Varazini* (COSTA, 1959: 2, de 1258) >Varzim. Ou, em alternativa, de *Auaricini* teria derivado *Euracini* (PMH, DC 67, de 953)>*Verazini*>Varzim. Mas não deixaremos de recordar a proposta de derivar Varzim de *Veracini villa* (MACHADO, 1993).

Se o papiro de Artemidoro, acolhido com tanta expectativa quando surgiram as primeiras notícias da sua descoberta, não proporciona, afinal, tanta informação nova e relevante quanto a que gostaríamos de ter, não deixa de trazer um pequeno contributo para a resolução de alguns problemas da nossa história antiga, designadamente confirmando a identificação do *Lethes* dos Antigos com o rio Lima.

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de (2001) – “As paróquias suélicas do território actualmente português), in VILLAR, F. e FERNÁNDEZ-ÁLVAREZ, M. P. (eds.), *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania*. Salamanca: Universidad, p. 29-59.
- ALARCÃO, Jorge de (2002-2003) – “A propósito de *Elanae* e *Laniae*: problemas de etnonímia e toponímia antigas”. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, 36, p. 431-443.
- COSTA, Avelino de Jesus da (1959) – *O bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*, vol. II. Coimbra: Faculdade de Letras.
- DAVID, Pierre (1947) – *Études historiques sur la Galice et le Portugal du Ve au XIe siècle*. Lisboa: Livraria Portugália Editora/ Paris, Les Belles-Lettres.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1975) – *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- FERNANDES, A. de Almeida (1997) – *Paróquias suevas e dioceses visigóticas*. Arouca: Associação para a Defesa do Património Arouquense.
- GALLAZZI, C., KRÄMER, B. e SETTIS, S. (eds.) (2008) – *Il papiro di Artemidoro*. Milão: LED.
- GUERRA, Amílcar (1996) – “Os nomes do rio Lima. Um problema de toponímia e de geografia histórica”, in VILLAR, F. e ENCARNAÇÃO, José d' (eds.), *La Hispania prerromana. Actas del VI Coloquio sobre lenguas y cultura prerromanas de la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad/ Coimbra: Universidade, p. 147-161.
- MACHADO, José Pedro (1993) – *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte.
- TRANOY, Alain (1981) – *La Galice romaine. Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l' Antiquité*. Paris: Éditions De Boccard.
- TRANOY, A. e LE ROUX, P. (1989-1990) – “As necrópoles de Bracara Augusta. B. Les inscriptions funéraires”. *Cadernos de Arqueologia*: Universidade do Minho, série II, p. 187-230.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1905) – *As religiões da Lusitânia*. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional.

Resumo

O “papiro de Artemidoro”, descoberto em Antaiópolis, confirma a identificação do *Lethes* dos Antigos com o rio Lima. Não batendo certas as distâncias indicadas para os pontos da costa setentrional portuguesa mencionados pelo geógrafo, sugere-se que o copista pode ter suprimido o *Auaron ákron* referido por Ptolemeu. Propõe-se, para explicar o nome *Lethes*, um hidrónimo *Letio*, *Letium* ou *Letis*, que Gregos e Romanos terão transcrito por *Lethes*.

Palavras-chave: *Lethes*; *Auaron*; *Talabriga*; Póvoa de Varzim.

Résumé

Le papyrus d' Artémidore, découvert à Antaiupolis (Égypte), apporte la confirmation du nom *Lethes* pour le fleuve Lima (Portugal). L' erreur des distances entre quelques points de la côte nord du Portugal pourra s' expliquer en supposant que le copiste du texte a oublié le cap *Auaron*. Le nom *Lethes* pourra correspondre à la transcription d' un nom indigène *Letio*, *Letium* ou *Letis*.

Mots-clés: *Lethes*; *Auaron*; *Talabriga*; Póvoa de Varzim.